

Perversa desigualdade



Tulio Augustus

Sociólogo, mestre pela UnB, doutor em Sociologia pela USP



Política econômica que funciona é aquela que nos tira a corda do pescoço - nesta e não em outras vidas

“**A** Longo prazo estaremos todos mortos.” A frase de John Maynard Keynes, economista inglês fundamental no soerguimento das economias do pós-guerra e fundador das diretrizes mais notáveis do pensamento econômico, parece ser incuravelmente pessimista. Sua essência, entretanto, é um chamado para a importância do agora e um lembrete de que política econômica que funciona é aquela que nos tira a corda do pescoço - nesta e não em outras vidas. Pensar nas gerações seguintes é, sim, um ato de máxima relevância, mas nobre mesmo é resolver os problemas dos que aqui já estão. A questão volta à baila com os alarmantes aumentos da desigualdade em todo o mundo, sobretudo no Brasil, onde ela sempre esteve em um patamar obscuro. Segundo pesquisa da FGV, pelo 17º trimestre seguido aumentamos essa chaga nacional, com destaque para o fato de que desde 2014 a metade mais pobre do País viu sua renda diminuir mais de 17% ante a perda de meros 2,55% experimentada pelos 10% mais ricos.

A preocupante redução da classe média, espremida nos polos condensados de riqueza e pobreza, sobretudo no Ocidente, põe em cheque as estruturas de condução macroeconômica, diminuindo a eficácia das políticas anticíclicas e deixando o barco da economia mundial ainda mais à deriva. Para pio-

rar, desses escombros nasce o populismo ressentido que promete tornar o País grande de novo, edulcora o passado e alimenta um ódio aos inimigos errados, sejam eles os estrangeiros, a globalização ou o tal marxismo cultural.

Na polarização política atual, esquerda e direita continuarão por algum tempo batendo cabeça antes que algum consenso se forme na busca por justiça social, um tópico essencialmente comum a ambas vertentes. O caso do Bolsa Família, que hoje nem a mais hidrófoba direita ousa questionar, é uma evidência de que o bom senso pode prevalecer sobre as análises antagônicas dos mecanismos produtores da desigualdade. A própria decisão governamental de concessão de um décimo terceiro repasse anual no programa demonstra que há caminhos possíveis.

No ambiente acadêmico e cada vez mais fora dele, a questão da desigualdade norteia o debate mesmo entre aqueles que antes não a notavam como ameaça real. Não se avizinha no horizonte qualquer saída que prescindia de soluções multilaterais. Pragmatismo e boas políticas públicas também tornariam a tarefa mais alcançável, mas aí serão necessárias francas transformações culturais. Implementá-las não é nada fácil. Mesmo assim continua sendo uma alternativa melhor do que vivenciar na pele o pessimismo contido na afirmação de Keynes.